

Novas taxas vão dificultar acordo

O aumento das taxas de juros internacionais anunciado ontem traz mais dificuldades para o fechamento do acordo entre o Governo brasileiro e o Comitê de bancos credores. A avaliação foi feita ontem por membros da delegação para a negociação da dívida externa, após reunião no Ministério da Fazenda, para discutir o próximo encontro com os credores, dia 19, em Nova Iorque.

Na reunião de um dos quatro subgrupos da delegação formado em Washington para avaliar a questão da dívida externa, foram feitas atualizações de dados econômicos internacionais e previsões da balança de pagamentos até

1989. O diretor da Área Externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, disse que foi iniciado o detalhamento da balança de pagamentos, que passa a sofrer alterações dos gastos com juros conforme a variação das taxas internacionais.

Para o diretor da Dívida Externa do Banco Central, Antonio de Pádua Seixas, esse aumento é uma questão de política monetária americana e só vai agravar a solução do problema brasileiro, cuja dívida está registrada em sua maior parte em **Prime** e **Libor**.

Hoje, 49,3% da dívida estão em **Libor**, o que equivale a US\$ 59 bilhões, e 16,4% em **Prime**, US\$

16,2 bilhões. Com a oscilação das taxas, Pádua Seixas salientou que a proposta brasileira permanece adequada para o acerto com os credores.

O diretor da área externa do BC assegura que o projeto de conversão da dívida em investimentos ainda não será apresentado na reunião do dia 19. Além dos dois diretores do Banco Central, estiveram presentes à reunião o secretário para assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, Rubens Barbosa, o vice-presidente de operações internacionais do Banco do Brasil, Adroaldo de Moura Filho, e o chefe do departamento econômico do BC, Sílvio Rodrigues Alves.